

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE MEDICINA

BEATRIZ CAROLINE DOS SANTOS PEREIRA

**PRIMEIROS SEIS ANOS: UMA NARRATIVA  
CRÍTICO-REFLEXIVA**

SÃO CARLOS-SP

2024

BEATRIZ CAROLINE DOS SANTOS PEREIRA

**Primeiros seis anos: uma narrativa crítico-reflexiva**

Trabalho de conclusão do curso apresentado à Coordenação do Curso de Medicina da Universidade Federal de São Carlos como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Medicina.

Orientador: Prof. Dr. Michel Nasser

SÃO CARLOS-SP

2024

Pereira, Beatriz Caroline dos Santos

Primeiros seis anos: uma narrativa crítico-reflexiva /  
Beatriz Caroline dos Santos Pereira -- 2024.  
20f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,  
campus São Carlos, São Carlos  
Orientador (a): Michel Nasser  
Banca Examinadora: -  
Bibliografia

1. Metodologia ativa. 2. Medicina. 3. Narrativa crítico-  
reflexiva. I. Pereira, Beatriz Caroline dos Santos. II.  
Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

## Dedicatória

Bendito és Tu, Deus de Israel, nosso Pai, de eternidade a eternidade, que até aqui me sustentou.

Maria das Mercês, minha mãe e primeira professora, que me ensinou a ler e escrever e é responsável direta por qualquer mérito acadêmico que eu tive ou venha a ter.

Márcio Pereira, meu pai, minha base cultural e principal investidor.

Jessé, minha pessoa favorita sobre a Terra e o melhor irmão que eu poderia sonhar em ter.

Rosângela, minha tia do coração, figura indispensável na minha educação.

Meus avós, Tereza, Zinho, Ascensão e Valdemar, que, mesmo longe, me influenciam com sua dignidade e honra.

Meus amigos (em ordem alfabética): Anniina, Bárbara, Eduardo, Gabriel, Juliana, Katuscia, Marlon, Raquel e Vitória, por todo o afeto e companheirismo, me suportando quando nem mesmo eu sou capaz.

Meus colegas de internato, o querido grupo CAPS, que me tiraram risos absolutamente todos os dias desses dois últimos anos e, com suas qualidades técnicas e humanas, me inspiram como médica.

*Sabachthani*, por me lembrar de quem sou e por me fazer desejar novamente a excelência.

Meus professores: tia Salete, tia Soninha, dona Ivani, professor Valter, professora Magali e Aline du Lac, por terem me mostrado um mundo novo que pode ser conquistado através da educação.

Ville Valo, Depeche Mode, Placebo e Arthur Rimbaud, que me fizeram companhia durante todo esse tempo, trazendo um pouco de conforto em meio ao caos.

Rafaela, de abençoada memória, pelos vinte e cinco anos que esteve comigo. *Eu te amo também.*

*“Per Aspera ad Astra”*

## **Lista de Abreviaturas**

**TCC** - Trabalho de Conclusão de Curso

**PPP** - Projeto Político Pedagógico

**UFSCar** - Universidade Federal de São Carlos

**ENEM** - Exame Nacional do Ensino Médio

**SiSU** - Sistema de Seleção Unificada

**SUS** - Sistema Único de Saúde

**SP** - Situação Problema

**ES** - Estação de Simulação

**PP** - Prática Profissional

**FAPESP** - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

## **Resumo**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi elaborado com base nas diretrizes do Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Medicina da UFSCar, adotando uma abordagem crítico-reflexiva a partir da perspectiva pessoal de uma estudante. O texto narra, em ordem cronológica, a trajetória acadêmica ao longo dos seis anos de graduação, estruturada nos três ciclos formativos de dois anos cada. O primeiro ciclo foi marcado por insegurança, desafios relacionados à metodologia de ensino e dificuldade de integração com os colegas, intensificados pelas incertezas da pandemia. No segundo ciclo, houve uma fase de readaptação ao contexto pós-pandemia, permeada por dificuldades no aprendizado e impactos na saúde mental. Já no terceiro ciclo, o caráter prático do internato e a convivência em um grupo de colegas proporcionaram uma melhora significativa no processo de aprendizado e no desenvolvimento pessoal. Essa narrativa reflete sobre a evolução técnica e humana ao longo do curso, culminando em uma visão mais ampla, crítica e empática da prática médica.

**Palavras-chave:** Metodologia ativa; Medicina; Narrativa crítico-reflexiva.

## **Abstract**

This Final Graduation Project (TCC) was developed based on the guidelines of the Political-Pedagogical Project (PPP) of the UFSCar Medical School, adopting a critical and reflective approach from the personal perspective of a student. The text narrates, in chronological order, the academic journey throughout six years of medical education, structured into three formative cycles of two years each. The first cycle was marked by insecurity, challenges related to the teaching methodology, and difficulties in integrating with peers, further intensified by the uncertainties of the pandemic. During the second cycle, there was a phase of readjustment to the post-pandemic context, marked by struggles with learning and mental health. In the third cycle, the practical nature of the internship and interaction with a group of peers led to significant improvements in the learning process and personal development. This narrative reflects on the technical and human evolution throughout the course, culminating in a broader, critical, and empathetic view of medical practice.

**Keywords:** Active methodology; Medicine; Critical reflective narrative.

## Sumário

1. Introdução.....	9
2. Desenvolvimento .....	10
2.1 O que você quer ser quando crescer?.....	10
2.2 O curso de medicina da UFSCar e sua metodologia.....	12
2.3 Primeiro Ciclo (1º e 2º anos).....	14
2.4 Segundo Ciclo (3º e 4º anos).....	15
2.5 Terceiro Ciclo (5º e 6º anos).....	16
3. Conclusão.....	18
Referências Bibliográficas .....	20

## 1. Introdução

A formação médica é um dos processos educacionais mais complexos e desafiadores, envolvendo não apenas o desenvolvimento técnico e científico, mas também a construção de habilidades humanas e éticas indispensáveis à prática profissional. Mais do que acumular conhecimento, formar-se em medicina exige um mergulho em dinâmicas que testam os limites emocionais, sociais e cognitivos de quem percorre esse caminho. Cada etapa é marcada por transformações profundas, à medida que teoria e prática se entrelaçam na busca por compreender e atender às necessidades de saúde da sociedade.

No contexto da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a metodologia do curso de medicina reflete um compromisso com a formação integral do estudante. Baseado no Projeto Político Pedagógico (PPP), o currículo é estruturado em ciclos que integram diferentes dimensões do aprendizado, da ciência básica à prática clínica, passando por uma abordagem humanística. A utilização de metodologias ativas de ensino, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), propõe uma educação centrada no estudante, incentivando o protagonismo, o pensamento crítico e a resolução de problemas complexos desde o início da graduação.

Essa abordagem metodológica, por vezes desafiadora, prepara o futuro médico para lidar com a imprevisibilidade e a complexidade da prática clínica. O foco na interdisciplinaridade e na integração entre teoria e prática busca não apenas formar profissionais tecnicamente competentes, mas também capazes de atuar de maneira ética e empática em contextos diversos. A pandemia de COVID-19, que atravessou parte significativa da última década, também trouxe mudanças substanciais às rotinas acadêmicas, forçando adaptações rápidas tanto no modelo de ensino quanto na experiência dos estudantes.

É nesse cenário multifacetado que cada estudante de medicina traça uma trajetória única, moldada por desafios e conquistas que vão além do currículo formal. Este trabalho reflete sobre esse processo de formação, situando-o em um contexto mais amplo, onde a prática médica não é apenas um conjunto de técnicas, mas uma resposta às complexidades da vida humana.

## 2. Desenvolvimento

### 2.1 O que você quer ser quando crescer?

Médica. Era 2002, e eu estava no primeiro ano da pré-escola. Os professores organizavam um desfile de profissões, e, sem muito refletir, respondi que queria ser médica. Não posso dizer que compreendesse o impacto dessa resposta, mas não consegui pensar em outra coisa. Minha mãe, à época dona de casa, e meu pai, topógrafo — uma profissão que até hoje não entendo completamente — não influenciaram diretamente essa escolha. A ideia simplesmente se formou, e a memória desse raciocínio permanece gravada em minha mente, como se tivesse sido esculpida em pedra.

Depois disso, nunca mudei de ideia, pelo menos não de forma definitiva. Durante aquela fase de megalomania infantil, por volta dos dez anos, quis ser muitas coisas, mas sempre acrescentei "médica e". Médica e estilista, enquanto desenhava croquis de vestidos de noiva. Médica e chef de cozinha, médica e escritora, médica e cientista social, médica e engenheira mecânica. Todas essas ambições passaram. No fim, para minha alegria ou frustração, tornei-me apenas médica.

Minha educação sempre foi no sistema público, algo de que tenho um orgulho genuíno. Minhas escolas, professores e colegas moldaram minha visão de mundo, ética e comportamento. No entanto, reconheço que o ensino público raramente oferece respaldo suficiente para um vestibular tão concorrido quanto o de medicina. Formei-me no ensino médio em 2015 e, no ano seguinte, consegui uma bolsa em um cursinho pré-vestibular.

O ano de 2016 foi difícil por razões que não vêm ao caso, mas lembro de desejar permanecer dentro do meu mundo das ciências humanas para sempre. Naquele período de vestibulares, fui aprovada em Ciências Sociais em duas universidades, mas não me matriculei.

Sem condições de fazer outro cursinho em 2017, estudei em casa. Minhas únicas saídas semanais eram para as aulas de canto lírico. Foi um ano caótico, mas divertido. No final, obtive uma boa nota no ENEM, porém sair do estado era inviável por questões financeiras. Assim, usei minha nota para ingressar em

Engenharia Mecânica, também na UFSCar, mas bastaram algumas horas para ter certeza de que eu não estaria ali no próximo ano.

No dia 07 de setembro daquele ano, decidi trancar a matrícula e mergulhei em um de meus raros momentos de pura determinação. No início de 2019, através do SiSU, fui aprovada em medicina na UFSCar.

Não participei da semana de integração por conta de um pé torcido, o que me poupou das perguntas clássicas: "Por que medicina? Por que UFSCar?" Se tivessem perguntado, minha resposta seria simples: "Porque a Bia de quatro anos achou que era uma boa ideia, e a UFSCar fica ao lado de casa."

## **2.2 O curso de medicina da UFSCar e sua metodologia**

O curso de medicina da UFSCar, criado em 2005, é fruto de um projeto em parceria com a Prefeitura de São Carlos, visando integrar ensino e prática em saúde. O currículo, baseado em um Projeto Político Pedagógico (PPP), adota uma abordagem construtivista e integrada por competências, com forte enfoque na metodologia ativa (UFSCar, 2007). Nesse modelo, os estudantes são protagonistas de seu aprendizado, discutindo casos e situações-problema em grupo, conduzindo estudos autodirigidos e aplicando o conhecimento em cenários reais de saúde (Costa, 2011).

No curso, os estudantes são divididos em grupos de 8 a 10 e trabalham com situações-problema, inicialmente discutidas em grupo, onde identificam questões de aprendizado e formulam hipóteses. A partir disso, realizam estudos autodirigidos e, em um novo encontro, compartilham os conhecimentos adquiridos. Esse processo desenvolve habilidades como comunicação, trabalho em equipe e resolução de problemas, formando médicos com uma visão crítica da prática e da realidade de atenção à saúde.

O currículo se estrutura em três ciclos que cobrem os seis anos do curso. Os dois primeiros ciclos abrangem as três unidades educacionais: Situação Problema, onde se discutem teoricamente grandes temas; Unidade de Simulação, onde situações simuladas são realizadas com atores em ambientes controlados; e Prática Profissional, em que os alunos aplicam os conhecimentos em Unidades de Saúde da Família, atuando sob supervisão e de forma progressiva na rede de cuidados.

Essas unidades são complementadas por atividades eletivas que permitem aos alunos explorar áreas específicas de interesse. No último ciclo, o curso é focado na prática clínica, chamada de internato, onde os estudantes têm imersão na rotina médica.

A avaliação dos alunos também é diferenciada, com um sistema de autoavaliação e feedback de facilitadores, além de avaliações formativas e somativas. Os estudantes são avaliados semestralmente em atividades, competências essenciais e recebem conceitos como "Satisfatório", "Precisa Melhorar" ou "Insatisfatório". Essa forma de avaliação reforça a autonomia e a

crítica do aluno sobre sua evolução, promovendo uma formação prática e humanística, voltada principalmente para o atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS).

### **2.3 Primeiro Ciclo (1º e 2º anos)**

Quando comecei o curso de medicina da UFSCar, fui apresentada a um método de ensino muito diferente do que estava acostumada, que incluía uma combinação de Situação Problema (SP), Estação de Simulação (ES) e Prática Profissional (PP).

As exigências eram altas desde o começo, e logo percebi que a metodologia ativa exigia autonomia e uma postura de protagonismo, o que me deixou bastante insegura. Foi um processo de adaptação difícil, principalmente porque o método estimulava uma construção mais independente do aprendizado, onde o aluno é responsável por organizar o próprio estudo e buscar o conhecimento necessário. Em vez de aulas expositivas, havia discussões e interações constantes que me tiraram da zona de conforto e exigiram uma capacidade crítica que eu ainda estava desenvolvendo.

Além das dificuldades em assimilar o conteúdo, enfrentei desafios na integração com os colegas. O ambiente de ensino ativo e em grupos pequenos exigia que eu me comunicasse e trocasse ideias de forma constante, e muitas vezes senti que estava um pouco perdida, tentando encontrar meu espaço.

Quando o segundo ano chegou, a pandemia se instaurou, e todas essas dificuldades foram intensificadas. Com a transição para o ensino remoto, veio uma nova camada de incerteza e distanciamento. O isolamento e as mudanças na dinâmica das aulas trouxeram muita apreensão, principalmente sobre como a formação seguiria e se eu conseguiria superar essas inseguranças e limitações para alcançar uma base sólida no curso.

## 2.4 Segundo Ciclo (3º e 4º anos)

O segundo ciclo marcou o retorno gradual das atividades presenciais, o que trouxe tanto alívio quanto novos desafios. Retomar as atividades após meses de ensino remoto exigiu uma readaptação que não foi nada fácil.

A pressão para recuperar o ritmo e o contato direto com pacientes e cenários clínicos reais gerou uma sobrecarga emocional significativa. O conteúdo também se intensificou, e o nível de complexidade dos casos nas unidades de SP e ES aumentou, exigindo que eu aplicasse habilidades e conhecimentos em situações cada vez mais próximas do cotidiano médico. Foi um período em que precisei lidar com altos e baixos no aprendizado, tentando absorver e aplicar o máximo possível.

Nesse ciclo, o impacto na saúde mental foi considerável, pois além das exigências acadêmicas, a readaptação aos ambientes de atendimento à saúde e ao convívio social trouxe à tona questões que ficaram adormecidas no período de isolamento. Havia um desgaste emocional constante ao tentar equilibrar as demandas do curso com o esforço pessoal para manter minha motivação e bem-estar. Ao mesmo tempo, a Prática Profissional trouxe oportunidades de contato com pacientes e com a realidade dos serviços de saúde pública, o que foi enriquecedor e deu um propósito mais concreto ao aprendizado.

Olhando em retrospecto, percebo que, apesar das dificuldades, essa fase de readaptação consolidou o início de uma base prática e me fez enfrentar fragilidades que não haviam sido tão evidentes no início do curso.

## 2.5 Terceiro Ciclo (5º e 6º anos)

O terceiro ciclo, correspondente ao internato, foi um divisor de águas na minha formação, pois marcou uma imersão completa na prática clínica. Nos dois últimos anos, o aprendizado teórico cedeu espaço quase integralmente para a prática nos diversos cenários de saúde, incluindo hospitais e unidades de atenção básica.

O contato direto e prolongado com pacientes, a rotina hospitalar e o trabalho em equipe me permitiram aplicar de forma concreta o que aprendi nos ciclos anteriores. Cada dia era uma oportunidade de aprendizado intensivo, e a prática clínica revelou a complexidade real da medicina, com suas nuances e desafios. A responsabilidade foi gradativamente aumentando, e passei a sentir uma confiança maior em minhas habilidades e no papel que desempenhava ao lado dos preceptores e colegas.

A inserção social também foi um aspecto essencial durante o internato. Formei laços fortes com o grupo de internato, o que trouxe uma sensação de pertencimento e apoio mútuo que fez muita diferença em uma rotina tão exigente. As trocas de experiência e apoio foram essenciais para encarar a intensidade da prática e a complexidade dos atendimentos.

Além disso, tive acesso a uma variedade de especialidades e cenários que ampliaram minha visão sobre o campo médico e me prepararam para os desafios do exercício profissional. O terceiro ciclo foi, sem dúvida, um período de amadurecimento profundo, onde pude me testar e confirmar minha inclinação pela prática médica.

Foi também nesse ciclo, durante o quinto ano, que comecei minha iniciação científica com uma bolsa pela FAPESP, algo que marcou profundamente minha trajetória acadêmica. O trabalho de pesquisa exigiu uma organização cuidadosa e um rigor científico que ampliaram minha capacidade de análise e me deram uma visão mais detalhada da medicina baseada em evidências.

Contudo, o relacionamento que tangia o projeto acabou trazendo desafios inesperados, dificultando a conclusão do artigo final. Embora tenha cumprido todas as etapas da pesquisa, e finalizado meu compromisso com a fundação,

abri mão da publicação do trabalho em prol da minha sanidade. Sair dessa experiência com um misto de frustração e aprendizado me ensinou muito sobre os desafios das relações interpessoais no meio científico e acadêmico, que exigem tanto quanto o trabalho técnico. Mesmo sem a publicação, a iniciação científica trouxe um amadurecimento único, agregando valor à minha formação.

### 3. Conclusão

Ao revisitar os anos de formação em medicina, fica claro que a trajetória foi muito mais do que um percurso acadêmico. Cada etapa trouxe desafios únicos que exigiram não apenas o domínio técnico, mas também o desenvolvimento de competências emocionais, interpessoais e de resiliência. O aprendizado ultrapassou os limites das salas de aula e livros, envolvendo descobertas profundas sobre mim mesma, sobre os outros e sobre o papel que o médico desempenha na sociedade.

Os primeiros ciclos foram marcados por insegurança e pela dificuldade de adaptação a uma metodologia de ensino desafiadora e inovadora. Contudo, foi nesse período inicial que comecei a construir as bases da minha capacidade de enfrentar incertezas e buscar respostas. A pandemia de COVID-19 adicionou uma camada de complexidade inesperada, colocando à prova minha saúde mental e obrigando uma reinvenção constante como estudante e como pessoa.

O segundo ciclo, por sua vez, foi um ponto de transição, caracterizado pela readaptação a uma nova normalidade e pela redescoberta das minhas capacidades. Os momentos de dúvida e fragilidade ensinaram que o crescimento é, muitas vezes, um processo não linear, marcado por altos e baixos. Nessa fase, ficou evidente que os desafios são oportunidades disfarçadas, capazes de nos impulsionar tanto no âmbito pessoal quanto no profissional.

No terceiro ciclo, a formação ganhou corpo e sentido. O internato trouxe à tona o que havia sido aprendido nos anos anteriores, traduzindo o conhecimento teórico em prática clínica. A convivência com os pacientes, colegas e equipes de saúde reforçou a importância de um aprendizado colaborativo e empático, além de oferecer um vislumbre do impacto transformador da medicina. A iniciação científica, por sua vez, ampliou minha compreensão sobre a ciência, mostrando que tanto as conquistas quanto os fracassos são partes indispensáveis do processo de descoberta.

Agora, ao término desse ciclo formativo, a medicina se revela como uma profissão de aprendizado constante e conexão humana. A necessidade de se atualizar, de questionar e de olhar o outro com empatia são pilares que moldam não apenas o médico, mas também a pessoa que se busca ser. Minha formação,

embora repleta de desafios, proporcionou experiências que me tornaram mais adaptável, humana e consciente da complexidade da prática médica.

Refletindo sobre a jornada, reconheço que os momentos mais difíceis foram também os mais transformadores. Cada obstáculo enfrentado contribuiu para que eu me tornasse uma profissional mais preparada para lidar com a imprevisibilidade da vida e uma pessoa mais sensível às nuances humanas. A medicina, em sua essência, exige mais do que técnica; ela demanda comprometimento com a melhoria contínua e a construção de relações genuínas. É com essa perspectiva que encerro esses *primeiros seis anos* e me preparo para os próximos, com a certeza de que o aprendizado nunca termina.

## Referências Bibliográficas

UFSCAR. Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - Coordenação da Graduação em Medicina. Projeto Político Pedagógico. 2007. Disponível em: <http://www.dmed.ufscar.br/graduacao/projeto-pedagogico>. Acesso em: 08 de nov. de 2024.

COSTA, José Roberto Bittencourt et al. Active teaching-learning methodologies: medical students' views of problem-based learning. *Rev. Bras. Educ. Med.*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 13-19, mar. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022011000100003>. Acesso em: 08 de nov. de 2024.

LIMA, V. V.. Espiral construtivista: uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 21, n. 61, p. 421–434, abr. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0316>. Acesso em: 08 de nov. 2024